

A SITUAÇÃO

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Não é preciso ser um observador muito sagaz para descobrir que o Brasil está sem governo. Basta olhar e ouvir. Em toda a parte explodem sinais de descontentamento popular diante do aumento de preço de mais alguma utilidade. Em regra geral, como já observei nestas colunas, os estudantes ou outra espécie de popular que se manifeste, e que nos jornais ganha logo a designação genérica de Povo, costumam agir, como as marés, com uma grande defasagem em relação a suas causas, e quase sempre quebram o que não deviam quebrar. O que importa notar, o que interessa nesses fenômenos não é o aspecto objetivo que tomam, é antes o que significam. E no caso brasileiro é bastante fácil descobrir a significação das diversas manifestações, das diversas crises que tem ocorrido nos últimos dias: o povo sente a angústia do des-governo. Não é tanto o preço alto disto ou daquilo que irrita. Se houvesse motivo compreensível, razão cabal, explicação admissível, se por exemplo o Brasil se achasse na situação em que a Inglaterra se achou em 1941, então todos nós entenderíamos a necessidade de apertar o cinto, e a utilidade de tabelas de racionamento. No caso do Brasil o que dói, o que desespera a multidão é a sem-razão do justificativa do sacrifício não se entrevê também a esperança de dias melhores.

Agora tomou vulto de ameaça sombria a crise que começou num salão do Ministério da Aeronáutica. Na minha opinião não devíamos ter dado tamanha importância à festa dos diplomas militares e às ausências dos oficiais. Sempre achei que nossos jornais deviam ter deixado o assunto registrado nas páginas menos lidas e sem ultrapassar o corpo doze. Tendo perspectiva sucessória promissora, pareceu-me que devíamos ter certo cuidado de não irritar os insensatos que nos governam, e que toda nossa tática devia ser a de deixar que eles caíam por si mesmos. O verão vem aí, antes do sr. Janio Quadros. Ora, todos nós sabemos que durante o verão os personagens importantes vão para Petrópolis, e que o calor, de um modo geral, tem sobre os costumes nacionais efeitos preletórios. Logo depois vem o Carnaval, e também sabemos que tudo deve ficar para depois do Carnaval. Logo após a Semana Santa aparece e surge

nova protelação. A rigor só começa a estirar-se a preguiçosa República depois de Pentecostes; ora, até lá ganhamos seis ou sete meses e nos colocamos em plena atividade sucessória. Pela minha idéia, devíamos gentilmente ajudar o governo a cair; e devíamos capitalizar desde já algumas boas idéias, algumas boas reformas, para que o próximo governo tivesse destacada superioridade sobre o que agora agoniza.

Mas nossos bravos companheiros pensaram de outro modo e a crise agravou-se. É claro que estamos com eles, com o velho e bravo "Diário de Notícias" conta o general Lott que no seu discurso — no total em que a Torre de Pisa aparece como um símbolo de nossas instituições, mas logo depois é substituída por "aquele edifício de Copacabana" porque a Torre, graças a Deus não caiu — deixou marcado o que poderíamos chamar de profecia retroativa. Disse ele que se as coisas continuarem assim, no futuro, quando contarem a história do nosso país, dirão que nestes dias houve uma ditadura... Curioso estilo! Não me canso de apreciar o estilo do general Lott. Aquela passagem da corneta, por exemplo, me lembra do sabor das melhores páginas do Eça, como por exemplo aquela em que o Conde Góuvarinho é festejado por causa de uma frase: "aquela do trapézio...". O general explicou que tudo no Brasil melhoraria se houvesse mais respeito pelos símbolos. Ora, eu acho que o general cometeu aqui um erro filosófico, talvez por estar esquecido da teoria do sinal e do símbolo. Na minha opinião, as coisas vão mal no Brasil porque há muito respeito pelos símbolos, e muito pouco pelas coisas significadas. O Marcel de Corte escreveu um grande ensaio a esse respeito para mostrar que o mal — o esquecimento da coisa significada em favor do sinal — é geral e do século. Além de filosófico, o erro do general tem repercussões humorísticas e estéticas que não convem salientar para não envenenar ainda mais as relações, já bastante tensas, entre os paisanos que escrevem e os militares que fazem continências a cornetas.

O fato é que palram agora ameaças sobre a liberdade de imprensa. Há quem diga e prove que foi o Diário de Notícias que provocou a crise da aeronáutica! E

para ficar bem patente que o barão está afundando surge em cena o senador Velasco e prova que a crise foi provocada pelos entreguistas com o fim de atingir a virgindade da Petrobrás, estando entre esses entreguistas — believe it or not — o próprio Diário de Notícias!! Dos discursos do sr. Velasco depreende-se que ele nutre pelo general Lott uma admiração só igualada pela que o sr. J. E. Macedo Soares tem pelo sr. Juscelino Kubitschek, ideador de Brasília e campeão de vôo. Na sua recente entrevista coletiva concedida à imprensa que o general Lott ainda não amordaçou, o sr. Juscelino declarou, entre outras coisas, que a alta de preços é psicológica, e fez menção do "seu" programa de Estabilização Monetária que, como todos nós sabemos, é um programa de aumento de impostos. E nesse meio tempo os frigoríficos da COFAP se apressam para congelar novos preços. Tudo isso junto forma a salada em que estamos e que se chama falta de governo. O nome é negativo. Poderíamos arranjar outros mais positivos e mais sugestivos, mas infelizmente para a conjuntura ainda não são admitidos na língua impressa. Ouvi recentemente, na Confederação Nacional do Comércio uma nutrida conferência brilhantemente pronunciada pelo sr. Roberto Campos que me pareceu encantado com o plano da Estabilização. Timidamente tentei apartear o conferencista, mas fui derrotado por sua ciência econômica que em certa altura, se bem entendi, chegou a dizer que era minha e de outros particulares, e não o governo, a culpa das torrenciais emissões. Mas devo ter entendido mal, porque o sr. Roberto Campos é um dos nossos mais notáveis e inteligentes economistas.

Explicação mais fácil e mais acessível tive eu hoje no barbeiro, que aliás é um lugar onde sempre aprendi muita coisa. No caso era um italiano que pedia licença para se intrometer em nossos assuntos e explicava que tudo ia ficar pior, porque se o governo quer congelar deve congelar tudo, e se quer estabilizar a moeda deve começar por estabilizar o Presidente. Observei que todos os rapazes da navalha, e todos os fraguezes fizeram cóo com o meu italiano. Tudo vai ficar pior! Tudo vai ficar pior! foi o brado que encheu o salão. O povo sente que não tem governo, que não há autoridade moral, assim como criança sente em casa a falta da firmeza materna ou da autoridade paterna. E geme. Aqui na pacata barbearia geme, mas lá fora já começa a rosnar, a ranger os dentes. O fato é que cresce a miséria a olhos vistos, cresce o numero de pessoas que batem no portão para desfilarem um rosário de queixas, cresce o numero de cartas que recebemos de gente que pede socorro. E em nós cresce o pesar e a apreensão. Mas os dirigentes, a julgar pelas fotografias, estão muito satisfeitos e muito confiantes em suas metas e operações.